

**DA CRÔNICA À HISTÓRIA: REFLEXÕES SOBRE AS CRÔNICAS DE CARLOS
HEITOR CONY.**

Radamés Vieira Nunes

graduando em história UFG/CAC, bolsista PIBIC/CNPq

Este trabalho faz parte de um projeto maior de pesquisa, intitulado *jornalismo e literatura: entre memória e história*, dedicado ao estudo da relação entre história, literatura e jornalismo. Nesse sentido já foram pesquisados anteriormente cronistas como Lima Barreto e Carlos Drummond de Andrade. Acreditando nessa proposta de abordagem e nos seus resultados satisfatórios já obtidos nos estudos anteriores, com Drummond e Lima Barreto, esta pesquisa se desenvolve sob o financiamento do PIBIC / CNPq.

A relevância desta pesquisa se dá devido sua contribuição para o estudo interdisciplinar na construção do conhecimento histórico e pelo compromisso em abordar particularidades do cotidiano brasileiro, quase sempre marginalizadas e por isso abstrusas, mas que foram percebidas e diagnosticadas por Carlos Heitor Cony nos seus textos diários para o jornal.

A preferência pelas crônicas de Carlos Heitor Cony, foi fruto de uma análise minuciosa que nos fez entender que seus livros “*O harém das bananeiras*” e “*Os anos mais antigos do passado*”, tratam-se de obras que possuem uma pluralidade de elementos significantes que nos permite perscrutar a um momento importante do cenário brasileiro. Um momento de mudanças no contexto político, e principalmente de profundas transformações no que diz respeito ao cotidiano cultural e social do Brasil como as mudanças de valores, a aceleração do tempo, o desenvolvimento tecnológico, a globalização e outros fatores característicos da modernidade que redefiniram o dia-a-dia do próprio escritor, não obstante de todo o povo brasileiro, das últimas décadas do século XX.

É justamente esse contexto o grande gerador das motivações, alegrias, revoltas, opiniões de Cony que conscientemente ou não estão subentendidas nas crônicas ,que elegemos como material de investigação, algumas explicitamente notórias, outras subjacentes, todavia estão todas sujeitas aos olhares mais curiosos e interrogativos.

Nesse texto temos como objetivo abordar em linhas gerais as características da crônica jornalística e suas transformações ao ganhar o espaço do livro. Visamos identificar e analisar, sucintamente, as peculiaridades do cronista como leitor do seu cotidiano e as principais características de suas crônicas.

Portanto falaremos de diversos assuntos todavia sem aprofundarmos em nenhum deles, tendo em vista que nossa proposta, neste texto, é apenas apontar caminhos e não trilhá-los.

Apesar da grande importância do jornal ele possui algumas especificidades, uma delas é a sua duração efêmera, ou seja, a maioria dos jornais foram feitos para durar apenas um dia. Os leitores de jornal, na agitação do seu dia a dia tiram parte do seu precioso e acelerado tempo seja antes do trabalho, durante o pequeno espaço da refeição ou ao se deitar, para se dedicar à leitura do mesmo, a fim de inteirar-se das notícias do contexto no qual estão inseridos, todavia esse jornal de notícia diária uma vez lido, perde sua importância. Pois ao findar do dia em que foi publicado é fadado ao esquecimento, sendo substituído pelo jornal do dia seguinte, e assim sucessivamente.

Sendo assim podemos afirmar que a crônica diária ocupando seu espaço no jornal possui também como atributo a brevidade. Jorge de Sá em seu livro *A crônica* afirma que “*o jornal, portanto, nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. Nesse contexto a crônica também assume essa transitoriedade.*” (Sá, 1985:10).

No entanto essa característica efêmera da crônica deixa de existir com a mudança de suporte, quando ela alcança seu espaço no livro, foi justamente isso que aconteceu com as crônicas dos livros de Carlos Heitor Cony que estamos trabalhando. Como ilustrou Jorge de Sá, a crônica ao ultrapassar o espaço do jornal deixa de ser

tenda de cigano enquanto transitoriedade, para ser casa residencial fixa e bem estabelecida ao ser inserida em um livro. É importante salientar que mesmo ocupando seu espaço no jornal a crônica possui independência estética em relação a narrativa jornalística, embora ela tenha uma grande ligação com as outras matérias e com a própria diagramação. Relação que se acaba parcialmente quando ela é publicada no livro.

Ao se interpretar uma crônica no espaço jornalístico, tem-se obrigatoriamente que compreender a relação da mesma com as outras páginas e matérias do jornal, quando esta chega a ser publicada em livro sua interpretação se dá com o conjunto de textos que foram selecionados, pois ela passa a ter um novo sentido de ser e um novo significado também, tendo em vista que essa seleção é feita com objetivos bem definidos. Na maioria das vezes é feita pelo próprio autor que nem sempre tem como critério as suas melhores crônicas, mas, uma intenção temática na tentativa de criar um conjunto que foi fragmentado nas páginas diárias do jornal, além de um interesse comercial da venda do livro como um bem de consumo e fonte de renda ao escritor. Portanto um livro de crônicas além de nos permitir acesso aos preceitos estéticos, políticos e ideológicos do escritor enquanto pessoa e cronista, nos oferece também acesso a uma leitura da realidade que se perdeu no jornal. O que nos permite afirmar que o livro de crônica para além desse nome pode ser chamado de livro de memória.

O livro de crônica funciona como um arquivo, como um acervo documental do cronista que deseja preservar suas marcas. As crônicas selecionadas para compor um livro é algo semelhante as pinturas rupestres dos pré-históricos enquanto duração. Sobre essa mudança de suporte Jorge de Sá diz que, "*no momento em que a crônica passa do jornal para o livro, temos a sensação de que ela superou a transitoriedade e se tornou eterna.*" (Sá,1985:85). As crônicas publicadas por Cony na imprensa diária recrudesceram e ganharam concretude nos livros, onde o autor concede uma oportunidade a mais a elas. Essas crônicas que se eternizaram serão revisitadas por vários admiradores do escritor e logo devolvidas a prateleira e ao confinamento, mas

este livro nas mãos de um historiador será o ponto de partida para o estudo de um contexto histórico.

Devido as características da crônica de narrar o tempo, de entrecruzar o cotidiano com os acontecimentos, de ser o gênero dos fatos circunstanciais e considerados por muitos periféricos, de ser breve e fragmentária; ela tem sido a muito tempo marginalizada pelos teóricos e considerada como gênero menor, embora tenha conquistado maior aceitação nas últimas décadas do milênio passado até hoje, como nos mostra Angélica Soares em seu livro *Gêneros literários* "...a crônica vem se impondo nos quadros da literatura brasileira" (Soares, 1993:65). A importância do gênero é confirmada pelo fato de ter sido o gênero de grandes nomes da literatura Brasileira como Machado de Assis, Olavo Bilac, Mario de Andrade, João do Rio entre outros. E por ser utilizada por historiadores como documento para acessar o passado.

Uma discussão que se desenvolveu em torno da crônica tornando-se motivo de questionamento a ser resolvido é quanto a sua classificação como um gênero jornalístico ou literário. Neste trabalho concebemos a crônica, como um misto de jornalismo e ficção proveniente da junção entre jornalismo e literatura, escrita sob a submissão de circunstâncias cotidianas do momento em que foram produzidas. Ela é vista por nós como um Gênero híbrido em que várias outras linguagens podem ser inseridas em seu espaço seja no livro ou no jornal. Segundo Wellington Pereira em seu livro *Crônica: arte do útil ou do fútil?* "classificar a crônica como gênero jornalístico ou literário é negar a independência estética da crônica..." (Pereira, 1994:124), o mesmo autor conclui definindo a mesma como: "uma narrativa que tem independência estética ... não se limitando apenas aos preceitos da literatura ou do jornalismo" (Pereira, 1994:150).

O próprio cronista Carlos Heitor Cony, em várias ocasiões escreveu e falou sobre sua profissão na imprensa brasileira e sobre o gênero que escreve diariamente na mesma. Em uma dessas ocasiões o escritor definiu o que ele entende por crônica, e é com essa citação que encerramos a discussão do que é esse gênero.

*a crônica é crônica mesmo, expressão de finitude. É temporal, fatiada da realidade e desvinculada do tempo maior que é o da literatura como arte. Mas daí não se deve concluir que ela seja uma defunta. Sendo por definição um texto datado, tem fases, sacrifica-se a modismos, mas, devido a elegância ou habilidade de seus cultores, consegue sobreviver em diferentes manifestações pleonasticamente crônicas: como gênero (crônica) e como vinculada a um tempo (crônica também). (...) é basicamente centrada num eixo permanente: o “eu” do autor. Daí que o gênero é romântico por definição e necessidade (...) tem menos ou nenhum compromisso com a objetividade ou a informação. Sua validade (nunca a necessidade) dependera da qualidade do texto em si. (...) a crônica literária tem um núcleo afim do romance, do conto e da poesia.*¹ (CONY, 1998:7)

Carlos Heitor Cony, escritor contemporâneo herdeiro de Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida, Lima Barreto, Proust, Sartre entre outros; através da metalinguagem no livro *Os anos mais antigos do passado* e no livro *O harém das bananeiras*, comentou diversas vezes como faz suas crônicas, e a obrigatoriedade de ter que fazer uma crônica todos os dias sob a pressão característica do jornal. Em entrevista ao caderno de literatura Cony afirmou fazer suas crônicas em cinco minutos no seu escritório que segundo ele, já se tornou hábito para não dizer um vício. Em muitas crônicas presentes nesses livros, são perceptíveis as diversas vezes que Cony não tinha nenhum assunto para escrever, e mesmo assim escrevia sobre a própria falta de assunto, ou seja, do que se deve fazer ou escrever quando não se tem nada a escrever. Cony vive intensamente em busca do objeto direto que o verbo transitivo: escrever. O exigia diariamente. Nessa angústia até mesmo sonhos se tornaram crônica.

O livro *O harém das bananeiras*, publicado em 1999, é um livro constituído por cem crônicas, publicadas principalmente no jornal *Folha de São Paulo* entre os anos de 1997 e 1999. O livro *Os anos mais antigos do passado* foi publicado em 1998, possui cento e dois textos publicados anteriormente na *Folha de São Paulo* e na revista *Manchete*, os artigos e crônicas deste livro foram publicados nos diversos anos desde que Cony começou a exercer a função de cronista no jornal e colunista na

¹ - CONY, Carlos Heitor. A crônica como gênero e como antijornalismo. In. *Folha de S. Paulo*. 16/10/1998. (pág. 7).

revista, esses textos são classificados por ele como os fantasmas antigos que teimam em assombrá-lo. Obviamente que essas crônicas foram reunidas sob as exigências do contexto do ano de publicação dos livros.

Nesses dois livros, que podem ser facilmente chamados de livros de memória e até de biografia do autor, Cony mescla história, memória e ficção no intuito de recompor com engenhosidade sua história pessoal, que indubitavelmente está ligada à história do país. Nesse sentido Cony trata de questões como fé, globalização, infância, problemas de ordem familiar, mudanças de valores, tecnologia, política, ditadura militar, entre outros assuntos que desenvolvemos na pesquisa. Enfim Cony faz um balanço dos últimos anos de um milênio prestes a acabar e entrar na memória.

Praticamente todas as obras de Carlos Heitor Cony seja, romances, contos ou crônicas, são caracterizadas, pela constante alusão a memória na busca de reconstruir seu passado e recompor os momentos de sua infância. Essa marca do autor tornou-se cada vez mais forte e freqüente na década de 90, principalmente quando publicou *Quase memória* após ter ficado mais de vinte anos sem escrever romance. Os dois livros de crônicas publicados nesse período são autobiográficos e neles o autor recupera sua história individual associada a história do cotidiano do país. Essa constante recorrência a memória, das obras conyianas, se dá devido a sua idade já avançada nesse período, como o próprio autor escreveu na crônica *Podia ter dado certo*: “a medida que o tempo passa, cada um de nós tem menos direito a esperança e mais espaço para a memória” (Cony,1998:24). A idade já avançada juntamente com as várias transformações das ultimas décadas, compuseram um cenário perfeito a memória e sociedade.

As lembranças de Cony presentes em suas crônicas não se dão aleatoriamente, como ele mesmo diz “a lembrança de tão remoto passado tem uma razão”. Suas lembranças ocorrem a partir de uma necessidade presente de rememorar, ou seja, Cony na produção de suas crônicas, parte de uma circunstância

presente que o leva a revisitar o seu passado para retornar novamente ao presente e explicá-lo. Nesse sentido, podemos afirmar que as circunstâncias do presente, o faz remeter à necessidade de determinadas lembranças, como a compra de um notebook que o fez lembrar do seu primeiro estojo escolar, para falar do avanço tecnológico. Ou os freqüentes apagões que o fizeram lembrar dos domingos de ramos de quando era criança.

A infância de Cony é o seu assunto mais recorrente e mais visitado em suas produções, apesar disso ele sempre lembra a criança que foi em relação ao homem que se tornou. Na crônica *A criança e o velho* isso é notório quando ele diz: “*fiquei velho, como todo mundo. Mas acho que a criança que eu fora sabia melhor das coisas*” (1999:212). Esse homem em quem Cony se tornou é um homem que como Kafka se nutre de pessimismo e ceticismo, um homem que muito se difere do adolescente seminarista estampado na capa do livro *O harém das bananeiras*. Capa que nos permite ver o antagonismo entre o velho cronista e o jovem seminarista representado no título e na imagem, respectivamente um representando o sagrado e o outro o profano.

Ao refletir sobre o menino que era e no homem em quem se tornou, Cony o faz pensando em uma dimensão social, ou melhor ele o faz, buscando abarcar em suas experiências pessoais uma totalidade que englobe a sociedade em que vive, obviamente que em algumas crônicas ele faz o caminho reverso embora com o mesmo fim. Nesse exercício o cronista, na maioria das vezes, concebe sua infância de forma positiva em relação ao adulto, paralelamente ele identifica de forma positiva a sociedade desse período de sua infância, em relação a sociedade do final do século XX. Partindo de sua memória individual para refletir o macro, ou vice e versa, Cony o faz de forma comparativa colocando o tempo em que escreve a crônica em relação ao tempo de sua infância, o qual ele denomina como sendo o tempo dos *anos mais antigos do passado*, período em que os valores culturais eram outros.

Carlos Heitor Cony herdeiro da ironia machadiana, através de suas crônicas, sorriu intelectualmente um sorriso amargo dos desabares da vida cotidiana no final do século XX. Captando o clima do mundo nesse contexto e transferindo para suas experiências pessoais. Portanto essas crônicas situadas próximas a transição de século e milênio, nos possibilitou uma leitura e um balanço desse século protagonizado por Cony que se acabou, mas, que permanece na memória.

Outra máxima nas crônicas conyianas é o uso da ficção onde sua memória está quase sempre imbuída. O cronista em várias ocasiões cria personagens fictícios, inventa histórias e diálogos que para nossa pesquisa pouco importa saber se é real ou não. Visto que Cony apela para a ficção dentro da realidade e extrai a realidade de dentro da ficção fazendo de sua ficção uma forma de exprimir e buscar traços do real. Um exemplo é a crônica *Como passar um corcunda no ralador de coco*, pouco importa saber se existe mesmo a mágica das favas e seus ingredientes malucos que resolverá os problemas do Brasil, o que importa mesmo nessa crônica é saber que o Brasil passava nessa ocasião por sérios problemas entre o governo e os sem-terra, problemas tão complicados e de difícil resolução como passar um corcunda em um ralador de coco como previa a grande mágica das favas. Mesmo se valendo muitas vezes da ficção, quase sempre os personagens fictícios criados por Cony, vivem situações que foram vividas por ele próprio em algum momento de sua vida.

Cony também faz descrição de espaços geográficos como artifício para dar legitimidade a sua crônica, os lugares mais citados por ele é o espaço carioca como: Lins de Vasconcelos, Posto Seis, a tão citada Lagoa, Barra da Tijuca, Cabo frio etc. mas Cony não se limita ao espaço carioca onde exerce o ofício de viver, ele ultrapassa as fronteiras do Brasil para revelar detalhes geográficos de países que visitou, a trabalho ou não, como França, Itália, Grécia entre outros lugares. Este artifício é usado para dar um certo tom de veracidade ao que escreve.

Em linhas gerais essas são as características mais recorrentes nas crônicas conyianas. Concluímos a partir dessa sucinta análise de nosso objeto de estudo, que

há varias possibilidades de se pesquisar esse instigante autor e o tempo em que viveu através de suas obras, revelando a eficácia da relação entre duas formas de linguagem, a literatura e o jornalismo, na produção de uma terceira, a história.